

.....
CARTAS AOS SOBRE-VIVENTES¹: coletivo Traços da Escuta, Rio Grande

Michel Peterson²
Adriano Martins Alves³
Gabriel de Vargas Pereira⁴
Jéssica Borges Cantos⁵
Maile Zanotta Ferreira⁶
Renata Santos Cravo⁷
Roberta Rodrigues Silveira⁸

¹ Tradução do francês por Patrícia Chittoni Ramos Reuillard.

² Psicanalista, psicoterapeuta, trabalhador social, Coordenador do projeto de pesquisa ROBAA (*Roads of Bones and Ashes*) na Cátedra Hans & Tomar Oppenheimer em Direito Internacional Público, Faculdade de Direito, Universidade McGill, Canadá.

³ Graduado em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Idealizador e integrante do Coletivo da Escuta na Rua, ação de extensão que realiza atendimentos psicológicos na cidade do Rio Grande/RS. Comprometido com o estudo e a prática de uma clínica psicanalítica sem muros e fronteiras. Também integrante do Coletivo Traços da Escuta, grupo de profissionais de Psicologia que oferecem e (re)pensam uma clínica acessível diante desse novos tempos. Voluntário no Projeto CUIDAR pelo Centro de Atendimento Psicológico - CAP/FURG. E-mail: adrianoalves@furg.br

⁴ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Pós graduando em lato sensu em Psicanálise. Durante a graduação atuou no Núcleo de Pesquisa e Extensão sobre o Bebê e a Infância (NUPEBI) em que realiza estudos sobre os acontecimentos que envolvem o período inicial da vida humana. Atuou também no Laboratório de Extensão e Pesquisa em Psicanálise e Arte que realizava estudos sobre a articulação entre o campo psicanalítico e as formas de expressões artísticas. É membro do Coletivo Traços da Escuta, grupo de profissionais de Psicologia que oferecem e (re)pensam uma clínica acessível diante desses novos tempos. E-mail: gabriel.dev@hotmai.com

⁵ Psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Possui Bacharelado em Ciências Biológicas e Mestrado em Ciências da Saúde pela mesma instituição. Atuou como bolsista de extensão EPEC/FURG no Projeto Psicologia em saúde e o processo saúde-doença-cuidado no âmbito hospitalar no HU-FURG/EBSERH. Integrante do Coletivo Traços da escuta, grupo de profissionais de Psicologia que oferecem e (re)pensam uma clínica acessível. Tem interesse pelas temáticas de saúde coletiva e políticas públicas, em especial o HIV, sexualidade, violência contra mulher e pela escuta das múltiplas expressões do feminino numa perspectiva psicanalítica. E-mail: jessicacantos@furg.br

⁶ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Ao longo da graduação atuou em instituições de ensino, do nível fundamental ao superior. Atualmente é mestranda em Psicologia pela FURG. Também atua como psicoterapeuta do Grupo para Redução de Ansiedade em Universitários (GRAU-FURG), pesquisadora do Centro de Estudos sobre Risco e Saúde (CERIS-FURG) e psicóloga integrante do Coletivo Traços da Escuta. E-mail: ferreira.maile@gmail.com

⁷ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG (2019). Atuou como monitora no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente - CAIC/FURG(2016-2018). Atuou como bolsista no Programa de Acompanhamento e Apoio ao Estudante Indígena e Quilombola (2018-2019). Realizou estágio durante a graduação no Centro de Atenção Psicossocial à Criança e ao Adolescente - CAPS I Serelepe (2018). Participou do Projeto de Extensão intitulado Coletivo Escuta na Rua (2019). Atualmente atua como Psicóloga Clínica em consultório particular e é voluntária no Projeto CUIDAR pelo Centro de Atendimento Psicológico - CAP/FURG. É membro do Coletivo de psicólogos Traços da Escuta. Tem interesse pelas temáticas sobre gênero, sexualidades, psicanálise, arte e tudo que atravessa a prática de escutar sujeitos e suas singularidades. E-mail: renatacrav@gmail.com

⁸ Psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atuou como bolsista de pesquisa no projeto "Estudo dos determinantes sociais e das políticas públicas em saúde para grupos minoritários na cidade de Rio Grande - RS", bolsista de extensão no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC FURG) e foi integrante do Coletivo Escuta na Rua, projeto de extensão de escuta em espaço público. Atualmente atua como psicóloga clínica, é integrante do Coletivo Traços da Escuta, grupo de psicólogos que oferecem e (re)pensam uma clínica acessível em tempos de pandemia e é voluntária no Projeto CUIDAR, pelo Centro de Atendimento Psicológico FURG, que oferece atendimento psicológico no período da pandemia. Tem interesse pelas temáticas de saúde coletiva, políticas públicas e suas intersecções com a psicanálise. E-mail: robertarodriguesilveira@gmail.com

Resumo

O seguinte conjunto de cartas foi produzido pelo grupo de psicólogos Traços de Escuta, que trabalha no Rio Grande, acompanhados por um orientador. Lida com os efeitos traumáticos da pandemia sobre os terapeutas e questiona a morte como ela se manifesta na clínica para cada membro do grupo, desde a transição da clínica na rua para a clínica online.

Palavras-chave: Atendimento on-line. Pandemia. Morte.

LETTRES AUX SUR-VIVANTS: collectif Traços de Escuta, Rio Grande

Résumé

L'ensemble de lettres qui suit a été produit par le groupe de psychologues Traços de Escuta, qui travaille à Rio Grande, accompagné d'un superviseur. Il traite des effets traumatiques de la pandémie sur les thérapeutes et pose la question de la mort telle qu'elle se manifeste dans la clinique pour chacun des membres du groupe depuis le passage de la clinique dans la rue à la clinique on-line.

Mots-clés: Traitement en ligne. Pandémie. Décès.

.....

Em Montreal, Canadá, no dia 21 de abril de 2020, às 16h37, recebi a “carta” abaixo de Adriano Martins Alves, pelo Messenger. Para esclarecer do que se trata, contextualizo: algumas semanas antes, fui convidado a participar de sua banca de TCC, apresentada como conclusão do Curso de Graduação de Psicologia da FURG. O TCC, aliás excelente, abordava as problemáticas enfrentadas pelo coletivo Escuta na Rua, que atuava, antes do surgimento da Covid-19, primeiro na Praça Tamandaré e, depois, na praça Xavier Ferreira, em Rio Grande. Não vou entrar nos detalhes aqui, pois o leitor encontrará, logo depois desta apresentação, um breve texto que fornece os principais elementos para entender não só o trabalho de cultura daquele Coletivo – trabalho de acolhimento, de escuta, de palavra, de pensamento psíquico e político, que acontece em várias cidades do Brasil –, como também a “passagem” ao dispositivo Traços da Escuta, devido à pandemia.

Eis a carta de Adriano:

Olá, professor! Como está? Primeiro, queria agradecer a tua participação em minha banca; na verdade, eu tinha enviado um e-mail agradecendo e falando um pouco de meu trabalho, porém acho que ele nunca chegou e só percebi agora; vou tentar encontrar o texto para poder enviá-lo. Acredito que muito se deu em questão do momento que vivemos, estava com muita vontade de trabalhar no texto e agora não consegui pensar nele. Aliás,

penso sim, penso que essa situação tão pouco crível em que não é possível realizar os atendimentos na rua, como no ano passado, como tudo mudou, e rápido, e que temos que mudar juntos. Não sei se você pode acompanhar diante dessa situação: motivados pela necessidade de entrar no mercado e oferecer atendimento psicológico de qualidade, resolvemos nos juntar em outro Coletivo agora, o Coletivo *Traços da Escuta*, e realizar, por força dos tempos, atendimentos de forma *on-line*. Durante nossas reuniões, surgiram questões urgentes de cenário de psicólogos iniciantes e achamos que você poderia nos ajudar. Gostaria de saber de sua disponibilidade para uma conversa com o grupo e, quem sabe, uma Supervisão. Um muito obrigado e mais uma vez lamento não ter entrado em contato antes.

Quando recebi esse convite, foi um sim, de imediato! De fato, o que essa demanda permite é a necessidade de não ser tomado pela sideração traumática, pela paralisia do pensamento, ainda mais num momento de destruição sistemática de tecido social pelos Estados que obedecem à ditadura do capitalismo algorítmico, portanto, uma guerra permanente em relação aos povos, acelerada pela pandemia. Como os jovens psicólogos do Coletivo *Traços da Escuta* podem enfrentar, com seus pacientes, a hùbris que desencadeia o vírus? Como pensar num momento em que o pensamento parece de pouca ajuda? Como atender através da tela, do *screen*? Será que todas as lembranças do sujeito-falante se transformam em “lembranças encobridoras”, abrindo um novo espaço do recalque, espaço em que se transformaria a articulação entre representante de coisa e representante de palavra? A carta de Adriano cria a necessidade – nesta época-não-epocal, neste buraco do tempo, nessa *Unheimliche* – de pensar como funciona *on-line* o desejo, a associação livre, as formações de compromisso e a interpretação. De que deslocamento se trata? Como pensar a alienação, a angústia, como ouvi-las? Como trabalhar contra – mas o que significa esse “contra”? – as forças de desfusão que atravessam hoje o mundo e satisfazem o mundo financeiro, caindo no gozo infinito e rindo, a partir de sua potência sem limite, da possibilidade do desaparecimento do ser vivo? Pois cada sujeito que ia à praça para falar na rua a um psicólogo atento às manifestações do inconsciente agora deve, se possível, falar a partir de um isolamento que multiplica a angústia. E assim, como atender, o que é atender?

Durante as discussões que temos duas vezes por mês há algum tempo, já me aconteceu, sem verbalizá-lo, de me perguntar se o Coletivo e eu (já que também “atendo” pacientes *on-line*, em Montreal...) não estávamos, ao escutar a fala do outro, de certo modo já defuntos, como Brás Cubas. De que memórias nos servimos então? Não nos tornamos apenas cadáveres que ignoram sua condição de cadáveres? Já estamos mortos, sabendo sem sabê-lo? Como pensar a

morte, como pensar psicanaliticamente a morte, o real da morte? O real e a morte são a mesma coisa? Desde nossa condição de escravos, estamos condenados a sobre-viver? Viver não seria sobreviver, como defendia Derrida a partir de sua lógica espectral? E aqueles e aquelas que escutam pessoas que lhes falam, e aqueles e aquelas que falam não estariam mergulhados na *différance* em que o próprio não é mais senão o próprio de não sê-lo mais, não estariam num sistema que rasura o valor ontológico e abre o espaçamento da escuta e da arqui-escrita? Pensei em sugerir para meus amigos, naquele momento – mas não cheguei a fazê-lo –, o livro de Evando Nascimento, *Derrida e a literatura*, no qual ele esclarece a questão do intervalo necessário, do *desvio*, enquanto horizonte dos traços e do grama. Com esse *desvio*, quando fala, o sujeito já não está desde sempre morto em sua mesmidade? A vida a morte – ligadas pela lacuna do espaçamento – não se re-apresentam num mesmo movimento de hetero-afeição no qual o desejo se vê sempre adiado ao futuro de sua efetuação pela força absoluta da falta que ele envolve? Viver e sobre-viver não seriam o mesmo gesto fantasmal? Traços da Escuta não estaria levantando as questões fundamentais de *Luto e Melancolia*? Razão pela qual Gabriel de Vargas, um dos membros do Coletivo, propôs reler esse texto capital desde o início de nosso trabalho? A qual impensável do gozo o vírus nos incita? Há pouco tempo, uma paciente – dançarina profissional, professora de dança e palhaça de circo –, para afastar-elaborar a angústia que a dominava, me falou do Corona-Vênus e criou até mesmo uma coreografia “quase erótica”, na qual se apresentava como Salomé em uma sequência de movimentos que desafiava a borda, que tentava um passo-além, em sua dupla acepção de negação e passo. E cada um dos outros membros do Coletivo – Jéssica Cantos, Maile Ferreira, Renata Cravo e Roberta Silveira – também se pergunta “como (se) manter vivo o desejo do outro na miséria simbólica que se instala agora sob o duplo signo da segurança e do delírio?”

Cartas, portanto, para levantar sob vários ângulos a questão do trauma, de seus efeitos, para que um endereçamento venha fazer as vezes de superfície e amarrar nossas topologias. Cartas para que não seja suprimido o *après-coup*. Cartas para nos perguntar se elas chegam ou não ao seu destino e a qual(ais) destino(s), já que o endereçamento nunca é “um”, “único”? Cartas para contribuir para um trabalho de vínculo, de ligação, de amarração. Cartas para que os cortes se tornem superfícies. Cartas para a sobre-vida, para amanhã. Cartas-letas escritas por ouvintes que abrem seus ouvidos e sua psique na transferência àqueles e àquelas que não querem que sua fala acabe como letra morta.

Coletivo Traços da Escuta

“Não sei sobre o que estou escrevendo: sou obscura para mim mesma. Só tive inicialmente uma visão lunar e lúcida, e então preendi para mim o instante antes que ele morresse e que perpetuamente morre. Não é um recado de ideias que te transmito e sim uma instintiva volúpia daquilo que está escondido na natureza e que adivinho. E esta é uma festa de palavras.”
(Clarice Lispector, 1998, p. 24)

A você que lê nossas palavras e que, de alguma forma, foi um sobrevivente dos dias que se passaram e das lutas que nos marcaram, é por você que precisamos escrever. Mesmo que, a princípio, sem saber o que dizer ou mesmo que pareça que não tenhamos nada a dizer, nós iremos dizer. Por vocês e por nós também, porque a escrita sempre narra a experiência de quem escreve.

E quem fala? Somos um grupo de psicólogos, colegas, amigos que juntos passamos os primeiros momentos como profissionais, e também os primeiros momentos de uma pandemia. E alguns de nós estivemos juntos também na rua, atendendo em uma praça pública no ano de 2019, no nosso último ano como estudantes de psicologia. Um ano em que podíamos habitar a rua.

Para começar a contar, vamos falar um pouco sobre o momento em que nos unimos com o desejo de escutar na rua. A ideia partiu da inspiração de outros coletivos de psicanalistas que se colocaram nas ruas de algumas cidades do Brasil, dispostos a oferecer a escuta para aqueles e aquelas que por ali viessem a passar, em um formato de clínica aberta. Nos questionamos sobre essa possibilidade por algum tempo, nos reunimos e levantamos algumas questões. Nasceu então o Coletivo Escuta na Rua. Composto por estudantes e professores da psicologia, ancorados na perspectiva psicanalítica e na democratização de uma escuta ética e de qualidade.

Encarando o nosso desejo e a tempestade de motivos que giravam em torno da ameaça aos direitos humanos no Brasil, fomos para o olho da rua, pela primeira vez, em um dia de manifestação contra um expressivo corte de verbas para a educação pública no país, arquitetada pelo atual governo. Nesse dia, umas das praças da cidade foi ocupada pela universidade, e todo o trabalho realizado no seu interior foi exposto sob um céu azul. Resolvemos levar nossas cadeiras para o centro da cidade e escutar.

Durante o ano de 2019 o Coletivo Escuta na Rua nos colocou para fora das poltronas dos consultórios e juntos vivemos a experiência de escutar na/a rua, sentados nas cadeiras de

praia, nos bancos, em pé. Descobrimos a rua enquanto lugar de passagem, trabalho ou moradia. Escutamos as histórias de quem passava por ali e de quem vivia ali. Transformando esse espaço também em um lugar de acolhida e escuta, pois nem sempre é possível ter acesso aos lugares que se propõem a escutar nossas histórias.

Enfim, chegamos em 2020, nosso primeiro ano como psicólogos e psicólogas. O Coletivo Escuta na Rua, projeto de extensão da universidade, seguiria com novos estagiários e psicólogos e psicólogas da cidade, acolhendo a população. Continuaríamos escutando a rua e, também, iniciando nossa trajetória profissional. Foi então a partir de um convite que nos juntamos novamente para sonhar. Na nossa bússola, permanecia o desejo de escutar a quem também tem o desejo de ser escutado.

Algumas xícaras, um pouco de café e chocolates para organizar as ideias. Olhávamos para as paredes pensando em cada detalhe do que gostaríamos de fazer no nosso futuro consultório. Do sofá até a plantinha para acompanhar as histórias que seriam escutadas ali. Aquele dia, saímos de lá entusiasmados com o que estava por vir. Tínhamos idealizado mais um projeto que se propunha a democratizar o acesso a escuta, agora como profissionais de psicologia.

O que no momento passou despercebido ou latente, mas que agora ganhou um sentido, é que ao sairmos do local, da nossa futura sala de atendimento, nos direcionamos a parada de ônibus e o clima da cidade estava diferente, estava mudando, a cidade já estava se esvaziando. Conversamos um pouco ao aguardar o ônibus e o diálogo já continha algumas incertezas, um certo medo começava a se introduzir. A pandemia que aparecia nos noticiários, que iniciou em Wuhan, na China, em dezembro de 2019 e estava atingindo o mundo, aproximava-se do Brasil em março de 2020.

Na semana seguinte, já não tivemos nosso encontro. O vírus se espalhava e as recomendações para que ficássemos em casa começaram a surgir. Ainda sem saber o que estava por vir, a ideia era esperar que as coisas voltassem ao *normal* em breve. Diante disso, preenchemos essa lacuna da distância com o que vinha se mostrando uma nova possibilidade de nos mantermos juntos: o virtual.

A proliferação do vírus se entrelaça à história de nosso coletivo. Havíamos iniciado com uma ideia de atendimento presencial, que teve de ser adiada para respeitar as recomendações decorrentes da prevenção ao vírus. Diversas ansiedades se acumulavam, estávamos iniciando

nossa jornada como profissionais, em um novo modelo de atendimento, inseridos em um contexto de pandemia.

Ainda sem nome, todas as semanas começamos a nos encontrar pelas novas janelas virtuais tentando pensar sobre esse novo percurso de comunicação com o mundo. O processo de nomear foi difícil, tínhamos uma preocupação em nos aproximarmos das pessoas, sendo esse um de nossos objetivos para traduzir no nome o que estávamos nos propondo a ofertar. E a partir de diversas inquietações, chegamos ao nosso nome Coletivo Traços da Escuta.

***Traço:** A ponta firme do lápis atravessa desafiando a vastidão do papel em branco, traçando seu destino inicial com as infinitas possibilidades que aguardam o seu futuro, deixando para trás um vestígio timbrado de cicatrizes que revelam o risco do ato. Fragmento de um acaso e fruto do rastro delineado de uma linha. O traço está feito! Característica particular e distinta de um semblante, de um rascunho, de um sintoma. Nosso sintoma.*

O isolamento nos proporcionou diversas novas experiências, alterou nosso cotidiano e modificou a forma de comunicação que estávamos habituados. Fomos nos adaptando e aprendendo a nós manter distantes, porém próximos, nos vendo nas pequenas janelas dos aplicativos de comunicação e (re)criando as nossas imagens. Toda semana tentávamos decifrar como estar num mundo real e virtual simultaneamente. Nos encontrávamos com a imagem do professor Michel, enquanto o corpo estava alguns consideráveis quilômetros distante de nós. Não tínhamos respostas únicas e prontas sobre o que podia nos auxiliar a atravessar este momento.

Encorajados a escrever, mesmo que tão difícil nesses dias, essas cartas foram uma forma que encontramos de lidar com tudo isso, de comunicar a nós mesmos sobre estes momentos até agora.

Montreal, 7 de agosto de 2020.

Michel Peterson

Hoje tenho que ser *forte*, apesar de uma angústia difusa, daquelas intensamente perversas. Após um dia de exames médicos no hospital, trabalho esta tarde com o coletivo *Traços da Escuta*, com uma saudade difícil de conter na alma: como gostaria de estar junto com eles para sentir mais a sobre-vida que nos mantém a partir de nossas clivagens constitutivas. Quem fala eu aqui?

A quem vou então me dirigir? A partir de que lugar traumático? Qual o horizonte deste direcionamento? Não posso deixar de pensar neste momento no *incipit* de um dos textos de Derrida consagrados a Maurice Blanchot:

*But who's talking about living?
In other words on living?
This time "in other words" does not put the same thing into other words,
does not clarify an ambiguous expression, does not function like an "i.e.". It amasses the power of indecision and adds to the foregoing utterance its capacity for skidding (Derrida, 1979, p. 75).*

Vou deixar ir, portanto, me deixar ir a partir da sobre-vida, desse *other words* e dessa citação que deixo em inglês. E quem fala de que lugar de *living on* e de *survival* quando a escuta de rua, o trabalho de rua, se traduz no traço da tela?

Antes de avançar rumo à sobre-vida, eu gostaria de indicar uma das fronteiras da angústia que ela convoca, dizendo o seguinte a meus amigos brasileiros: talvez vocês pensem que o Canadá, mais precisamente, o Quebec, de onde escrevo, administrou melhor a “crise” do Covid-19 do que o Brasil. Tranquilizem-se, não foi nada disso, apesar das aparências. É claro que, comparando o incomparável (em termos de culturas, de estruturas demográficas, de distribuição de riqueza, etc.), tudo pôde ser dito e desdito. É por isso que não vou propor uma amostragem do número de mortos nos nossos países, pois, como já escrevia um dos precursores da Sociologia e da Demografia, Ibn Khaldun, “Os números são o que se presta melhor à mentira e às palavras vãs, e é necessário confrontá-los aos modelos e às regras.” Se pensarmos que ele conheceu a epidemia de Peste Negra, que atingiu Túnis em 1348 a partir da Ásia, compreenderemos que já questionava a Verdade dos Números, o que deveríamos fazer sempre – hoje mais do que nunca. Mas o que nos aproxima, e aproxima talvez mais do que jamais havíamos imaginado em nossos sonhos mais inquietantes, é a morte, Outro absoluto, a Beância radical, e isso na perspectiva vaga da morte de alguém, do familiar, do próximo e do distante, do amigo e do desconhecido. Um de nós dois precisará ficar só. Um de nós – o sobrevivente – ficará só. Ele precisará refazer o mundo de depois do fim do mundo tal como era com o outro que desapareceu. Isso foi e será um acontecimento fora de qualquer tempo. Acabo de parafrasear Derrida no horizonte de seu fascínio pela morte, como no texto *Chaque fois unique, la fin du monde*, e não posso deixar de pensar na Clarice de *Onde estivestes de noite* : « [...] a morte é de grande escuridão. Ou talvez não, não sei como é, ainda não morri, e depois de morrer nem saberei, quem sabe se não tão escura. A morte, quero dizer » (Lispector,, p. ..). Eis que

nos encontramos no reino dos espectros, com todos os fantasmas que nos habitam antes mesmo de nosso nascimento, razão da necessidade, que vem do originário mais distante, de pensar psicanaliticamente a morte porque o vírus fala e desfaz a sensação de Onipotência infantil que parece não nos deixar, ou que não desejamos deixar, como se não quiséssemos pensar na morte, tiranos de nós mesmos mergulhados em uma neurose obsessiva demasiado tenaz que favorece a destrutividade. Apelamos para os especialistas: uns nos garantem que o vírus não é nada e que o Capital deve seguir seu caminho custe o que custar; outros bradam os *diktats* de uma técnica frágil que se toma por Ciência forte; outros ainda – os banidos de *Big Pharma* – tentam propor soluções que nos permitiriam não morreremos vivos. Não esqueçamos os sacerdotes e os profetas, que nos incitam a outros rituais, mas que retomam os da Ciência. Maneiras diferentes de tratar a inibição, o sintoma e a angústia. Aqui estamos em todo caso expropriados do pensamento, inter-ditos, em uma cena mundial grotesca em que as paixões mais loucas se libertam, prisioneiros de forças autodestrutivas que nos impelem a uma compulsão de repetição amplificada pelo disparate. E o Capital se aproveita disso mais do que nunca... para submergir o mundo. Sua mensagem: não se deve mais amar uns aos outros, ou então, que seja a distância, na distância certa, na distância bem certa, para não nos contaminarmos uns aos outros, para nos protegermos e proteger os outros, para não receber aquilo que mata, a Besta, o Imundo até, o Estrangeiro. Como conviver com a lei de autoimunidade, como lidar com o inassimilável, o heterogêneo, aquilo que não se pode reduzir pela crença, pelo pensamento mágico?

Disso depende nossa sobrevivência. E desta pergunta: o que denominamos morrer? E em que a morte nos toca na perspectiva de nossa própria sobrevivência, de nossa sobrevivência específica, e da sobrevivência do outro? Por isso, não digo que números são desnecessários, não pretendo afirmar que não seja necessário contar o incontável, bem pelo contrário. Afirmando que se deve pensar o incontável, o incompatibilizável, o que excede desde sempre todo cálculo, toda balança, o próprio excesso. E digo, correndo o risco de parecer me ater a uma teorização simplista, que é preciso ouvi-los segundo as amarrações R.S.I., sem esquecer o quarto nó que os amarra, ou seja, o *sinthoma*, que traduz de certa forma o modo pelo qual um sujeito faz consistir sua escritura.

Então, *who's talking about living?* Afirmando que se deve pensar o Corona, fazendo-o trabalhar, referindo-nos à lógica da fantasia, visto que, quando abordamos o trauma, abordamos a angústia e a relação do sujeito com o significante. Meus amigos, já na abertura de seu seminário sobre a angústia, Lacan não pôde ser mais claro sobre a fantasia: “Vocês verão que

a estrutura da angústia não está longe da fantasia, porque é exatamente a mesma.” Então, de acordo com essa topologia, o que ele quer de mim, o Corona, que relação com o desejo do Outro ele supõe? “O que ele quer de mim?” não seria uma maneira enviesada de inserir o trauma, insistindo de saída no retorno antecipado do *après-coup* no exato instante em que se tenta se livrar dele, ocupando mais do que nunca o Imaginário com a Insegurança? De fato, se o trauma só sobre-vive pelo buraco abissal que ele instala na psique, buraco pelo qual passa toda substância pensante, todo movimento de endereçamento, eu lhes pergunto, meus amigos, a quem o sujeito pode apelar se ele não sabe pensar o ser-para-a-morte, o ser-rumo-à-morte? Mais uma vez, Lacan questiona: “A que distância colocar a angústia? [...] Essa angústia, vamos tentar segurá-la. [...] Isso nos deixará realmente à distância opaca, acreditem, que nos separa daqueles que são mais próximos de nós.” (VERIFICAR NA VERSÃO BRASILEIRA, p. 17). Se há algo que o Corona lembra, em um apelo sem limites, é que a angústia é o sinal do Real e que se deve, portanto, velar para não se deixar enganar pelos signos necrofóricos que vão se multiplicando como os pães de Cristo.

Porém, o que as perguntas de vocês me lembram também, meus amigos, é a necessidade de considerar – tanto como psicanalistas quanto como psicólogos – a individualidade de cada ser humano às voltas com a angústia do Corona. Aponto evidentemente na direção do sujeito do inconsciente, da singularidade de sua relação singular com o sinal. Fazendo isso, falo da necessidade de não cair em generalidades, sobretudo quando questões tão importantes quanto a sobre-vida nos são feitas. Aqui nada é evidente, nem mesmo o suposto “fato” de que morcegos *rhinolophus* teriam um papel na transmissão do SARS-CoV-2 aos seres humanos. Se assim fosse, por que não se convocou Batman como especialista? Ele poderia nos dizer algo de nossas fantasias? Compreendam-me bem: não estou absolutamente ironizando sobre a situação trágica que atravessamos e que vocês estão atravessando enquanto lugares de endereçamento dessa tragédia. Busco simplesmente chamar a atenção para o fato de que, por trás das generalidades ouvidas todo tempo, sempre há uma humana, um humano, sempre há seres sociais que, em Gaia, vivem – aliás, esquecemos muito isso – com outras espécies animais, vegetais e minerais. Aqueles e aquelas que vocês ouvem são sempre um sujeito que tenta sobre-viver na economia de morte que lhe é oferecida como solução para seu desejo. “Cada vez único”, teria dito Derrida, ecoando assim esta pergunta: quem pode realmente falar da vida, do ser vivo, quem está em posição de fazê-lo, quem já está do outro lado (“*Who is already on the other side [bord], little enough alive, or alive enough, to dare to speak about living [...]*”) ? A pergunta poderia se

desdobrar então: “Mas quem fala de viver? Em outras palavras, sobre-viver?” Quando a morte ronda, pode-se ainda pensar e falar senão já estando morto? Com certeza, o Corona assinou o decreto de morte de 679.794 pessoas no mundo – no momento em que escrevo estas linhas, o número não é mais o mesmo, já aumentou, mas quem saberá um dia o *verdadeiro* número? A partir de que saber, de que bordas?

Então, meus amigos, quando ouvimos *on-line* ou ao telefone (aqui, seria necessário se debruçar longamente para pensar o quanto essas distâncias não são equivalentes e quão diferentes são, na transferência, a pulsão escópica e a *otobiografia*), que endereço damos? E mais, temos um endereço qualquer ou nos situamos, na melhor das hipóteses, em um lugar a construir, uma espécie de palco praticável? Seus Traços da Escuta oferecem assim uma espécie de *holding*, de cuidado a distância, de cuidado que os aproxima do outro apesar de toda distância. Trata-se de um acompanhamento psíquico difícil de fazer, assim como a transferência, sobretudo a partir da posição de não-saber de vocês. Trata-se de uma posição indemonstrável, de uma posição de indecisão entre a vida e a morte que nos obstinamos em opor, ao passo que elas vivem e morrem uma na outra.

*Por Adriano Martins Alves
Rio Grande, 26 de Agosto de 2020*

*“Tudo está parado por aí
Esperando uma palavra
Os carros e o metrô
O tempo que não para
O beija-flor parou
Sem bater as asas
O traço do pintor
O martelo do juiz
Um disco voador
Todos os satélites
Tudo está parado por aí
Esperando uma palavra.”*

Humberto Gessinger⁹

⁹ Gessinger, H..(2013, 5 Agosto). Humberto Gessinger- Tudo Está Parado. [YouTube]. Recuperado a partir de https://www.youtube.com/watch?v=olfQMnj3z1A&ab_channel=HumbertoGessinger

Quando esta carta chegar ao seu destino o mundo terá mudado, pensando bem, antes mesmo que sucessão de palavras cesse no final desta carta o mundo será outro, escrevo, não sem antes mencionar a imensa dificuldade de colocar em palavras e em certa forma física aquilo que proponho contar em relação ao ano de 2020, e o quanto o papel em branco me torturou ainda que propô-las escrever tenha sido tão fácil, neste ano, deste mundo tão novo e tão parecido. No ano de 2019, pensar a rua, pensar a cidade e seus movimentos pelas pessoas que juntas a formam foi fundamental para a minha formação e para o trabalho que desenvolvi é por isso que dedico essas palavras para aquele que não conheço e que talvez venha a conhecer, para aquele que batalha e irá sobreviver por mais duros que sejam os dias e com as mais ávidas esperanças de momentos melhores, dedico esta carta ao meu vizinho, que me é tão próximo e ao mesmo tempo tão longe, espero que as cercas que nos separam caiam.

Antes de qualquer coisa vou falar de mim, não que isso seja de alguma forma necessária, mas estando aqui isolado e com tempo para pensar, percebi quão importante é poder ter a liberdade para contar a própria história, e sei que muitos não a têm. Nasci em São Bernardo do Campo, a cidade B do abc paulista, que já foi um grande polo industrial do Brasil (hoje uma sombra daquele tempo), famosa por ter sido por muito tempo lar de um ex-presidente, que mudou minha vida e isso não pode ser mudado. Vivi em bairro que só agora tenho noção de quão periférico é, as casas rompem o ar em direção ao céu, no mosaico de cores, para abrigarem as famílias que cresceram pouco ligando para qualquer desenho arquitetônico ou qualquer questão de beleza, a necessidade é mais urgente, quando vivemos na periferia somos também periféricos?

Por alguns anos atravessava o abecedário das cidades, prédios, casas e carros com suas filas de ruas, muitas vezes nas idas e vindas dentro de ônibus ou como melhor chamamos de “busões”, completamente lotados em companhia a outros milhares de trabalhadores exauridos pelo longo dia, barulho e poluição, com o destino a um trabalho pouco desafiador e repetitivo de apertar e afrouxar parafusos, o mito de Sísifo, carregar a pedra para cima do morro, e de lá ela voltar ao chão, apenas para que tenha de ser feito tudo novamente, em alguns lapsos dos dias me recordo de perguntar o por quê, o que puncionava a tudo isso?

É nesse cansaço do trabalho insalubre e hipervalorizado por uma sociedade consumista, que resolvi fazer o curso de psicologia por tudo aquilo eu vinha lendo e estudando, não sabia a que lugares isso me levaria, minha escolha entre uma universidade particular da elite paulista com suas paredes frias, um lugar grande na cidade de São Paulo, que não podia ser meu ou a

escolha de uma Universidade Federal no sul do país em uma cidade no qual eu nunca havia escutado, Rio Grande, na Universidade Federal do Rio Grande e morar em uma casa do estudante, lugar que modificou a minha vida para sempre e no qual me tornei psicólogo, o que quer que isso signifique.

Rio Grande, nunca pude imaginar que de fato escutaria uma cidade, e que ela poderia falar em uma praça e que tal ato seria tão significativo para aqueles que vivem e transitam pela cidade como estrangeiros, e que muitas vezes tateiam suas tramas e se deslocam em transem dia após dia, é bom lembrar que jamais se volta para o mesmo lugar. Isso aconteceu em 2019 quando surgiu o coletivo denominado Escuta na rua, inspirado em outros coletivos os grupos de psicanalistas que levaram a escuta para as ruas em cidades do Brasil, nós estudantes de último ano de psicologia da Universidade Federal do Rio Grande, meus colegas, atendemos as pessoas que ali passavam e sentaram em nossas cadeiras de praia a o mesmo que tempo em que vivemos e ocupamos a cidade, lembro que ao escrever o meu texto de conclusão de curso relatando todos os acontecimentos, eu falo dessa cidade no qual somos construídos e destruídos continuamente, foi apenas na defesa do meu trabalho final que fui entender o impacto de tudo aquilo em uma noite catártica de que falei de ato de escuta e de construção da cidade em cada dos envolvidos.

Claro que não foi simples, mas agora estou formado o ano é 2020 e a questão é, que lugar eu ocupo e quais são meus objetivos, o que fazer? E se no meio de tudo isso ainda surgisse uma pandemia? O vírus aquele não ser invisível e sem vida que tira o ar que arranca a palavra, e fez nos fechar e esperar e sentir, seja o medo, ódio ou angústia, nos afastar da rua, por sorte não passei esse momento sozinho.

Aqui é que as palavras se arrastam uma das razões são por existir fatos que são tão recentes outra por viver nessas situações o próprio trauma desse mal-estar em via do sofrer e sintoma que nós somos atualizados e atravessados pela dor de vários lutos em uma pandemia, ainda temos que desejar seja quais forem às barreiras. No começo desse ano sem imaginar que tudo seria assim, alguns colegas que ficaram na cidade do Rio grande se juntaram encantados pelas possibilidades de trabalho em conjunto, é que quando surge o nosso coletivo que o chamamos de Traços da escuta onde procuramos ser psicólogos, foi um processo de grande aprendizagem diante de um novo momento longe da rua e consultório, tendo agora a obrigatoriedade de usar uma tela para realizar atendimentos e foi nessas telinhas que nós

olhamos muitas e muitas vezes e estivemos juntos tentando ser, o grupo se tornou essa tentativa de superar esse momento.

Em dia de frio e chuva um dia inóspito onde da minha janela posso ver as casas tristes e mudas, lembro ansiedade de quando dos encontros com o professor Michel, lá no Canadá e nós aqui no Brasil em que discutimos sobre o luto e a melancolia e todo essa mistura de sentimentos e processos que passamos nesses meses do medo e da revolta dos acontecimentos da pandemia. Parte de uma angústia nos impedia de fazer muitas coisas foi também combustível para que essa e as cartas que se seguem pudessem surgir foi essa a forma de dizer o que vivemos mesmo que apenas um traço, pois muito do que foi sentido e vivido não poderá ser dito. Agora o papel outrora branco se encurta diante do amontoado de palavras que engolem o vazio para se calarem. Desejo para você meu terceiro o melhor sempre.

Por esse traço que nos une.

*Por Jéssica Borges Cantos
Rio Grande, 1 de setembro de 2020.*

“O que te escrevo não vem de manso, subindo aos poucos até um auge para depois ir morrendo de manso. Não: o que te escrevo é de fogo como olhos em brasa.”

(Clarice Lispector, 1998, p. 30)

Começo essa carta sem saber bem porquê, nem sobre o que escrevo. Talvez uma necessidade de tentar organizar o que sinto e o que se passa nesse tempo. Isso me faz lembrar do que tenho lido sobre o pensamento psicanalítico que nos convida a refletir que falamos justamente a partir de um profundo não-saber. Ainda assim, foi difícil começar essa escrita e essa nova jornada. Como já foi dito em algum lugar da introdução destas nossas cartas, nossa jornada enquanto Coletivo Traços da Escuta começa logo em seguida de nossa formatura em Psicologia.

Passamos a nos encontrar enquanto grupo e trocar ideias sobre nossas primeiras experiências agora como profissionais diante das telas virtuais. Essa troca foi fundamental, não só pelas nuances da prática profissional, mas para que falássemos de nossas angústias diante de todo cenário e nos acolhêssemos, ainda que fosse apenas com o silêncio, os olhares atentos ou pra dizer que sentia algo parecido.

Assim que começamos a ouvir as pessoas que nos procuravam através de nossas redes sociais do Coletivo Traços da Escuta pensamos na importância de discutir isso tudo com alguém experiente que acolhesse nossas inquietações e que pudesse junto da gente refletir sobre o que esses nossos deslocamentos todos significavam. O Professor Michel se juntou ao nosso grupo e abrimos uma brecha no nosso cotidiano de quarentena, nas reuniões semanais do grupo para nos questionarmos sobre o que é essa descoberta da clínica virtual/online. Falamos sobre viver esse tempo, a clínica, o isolamento, o trauma, a política e sobretudo a morte.

Ao longo destes meses muitas questões sobre nossa prática como psicólogos e nosso trabalho juntos foi se reformulando, repensando. Talvez o Professor Michel nem saiba, mas ele foi essencial em manter a unidade deste grupo. Nossas discussões quinzenais me fizeram resgatar o motivo que nos fazia estar juntos. Nos reunimos pelo desejo da escuta. Mas uma escuta que alcançasse um público que muitas vezes não consegue acessar a clínica particular devido a questão socioeconômica. Embora a todo momento ainda nos indagamos que a clínica virtual/online também tem muitas restrições de acesso.

Escolhemos como fio condutor para iniciar nossas discussões o texto *Luto e Melancolia* de Freud refletindo no quanto o tema da morte e do luto tem atravessado nossa existência. Seja nos noticiários, nas nossas casas, nos assuntos com os familiares, como na escuta clínica na emergência da pandemia do covid-19. Neste trabalho Freud diferencia clinicamente o luto e a melancolia. O luto é um trabalho psíquico fundamental a ser feito diante da perda de uma pessoa amada, da pátria, da liberdade, de um ideal e etc., comportando um doloroso abatimento e perda de interesse pelo mundo externo. Sendo necessário atravessar esse período para estar apto a reinvestir, reenlaçar sua libido, carregando agora um traço desse outro perdido. Enquanto na melancolia esse trabalho psíquico não acontece, essa perda não é simbolizada, há um alongamento desse processo de luto, sua perda fica espalhada psiquicamente, com cessação do interesse pelo mundo exterior, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima (Freud, 2018).

A perda iminente ou o medo de perder pessoas queridas tem sido algo muito presente. Embora saibamos da nossa finitude desde sempre, a morte é uma ideia que recusamos, recalamos (Freud, 2010). Mas agora essa ideia tem se feito presente nas nossas vidas, no nosso imaginário e nos recoloca a nossa relação com a morte. Passamos a conviver com uma outra sensação, com o afeto transbordante da angústia.

Em seu texto sobre as “Considerações atuais sobre a guerra e morte”, Freud dizia do quanto a guerra afastaria esse tratamento convencional oferecido à morte, como algo distante e fortuito. Não seria mais possível negá-la pois as pessoas morriam em grande número pondo fim a impressão de acaso (Freud, 2010). Neste momento, espiados pela possibilidade da perda das nossas vidas e dos nossos queridos por conta desse vírus, também não podemos recalcar a notícia de que somos finitos quando o noticiário grita todos os dias sobre o número de contaminações e mortes. Na clínica o medo se faz presente nas falas dos pacientes que temem sair de casa, que temem ir ao trabalho, mas que não podem recusar porque receiam perder seu sustento.

Antes de um dos nossos encontros do grupo ouço no noticiário uma reportagem local sobre a necessidade do retorno dos setores metalúrgicos e de construção civil. As pessoas que representavam cada um deles diziam das perdas financeiras e de que respeitariam os protocolos de saúde. E quem respeita nossos medos e desejos? Perdas financeiras para quem? Como definir quem pode ou não pode retornar ao trabalho? E assim novos modos de produzir e ser “bom cidadãos” vão se configurando.

Outro dia, falamos justamente do quanto na nossa cultura, em nosso país, a morte tem sido desvalorizada, minimizada e todos os rituais que envolvem os funerais estão impedidos de acontecer em seu modo habitual. Pensamos no quão difícil tem sido o trabalho de luto nesses casos, quando esses rituais suspensos nos fazem perder o que há de mais importante: o afeto, a presença física na forma de abraços e lágrimas compartilhadas.

Me vem à mente outro texto do Freud enquanto penso em tudo isso: “A Transitoriedade”. Resumidamente, neste texto Freud conta de sua conversa com um poeta e um amigo em um passeio por uma rica paisagem. O poeta admirava a beleza do cenário de verão, mas não ficava alegre com ela pois era incomodado com o pensamento de sua finitude logo do inverno. Freud o contrapõe ao dizer que é justamente porque é passageira a beleza da natureza que sentimos alegria, fruição, “o valor de transitoriedade é valor de raridade no tempo”. Segundo ele a ideia da transitoriedade do belo não deve perturbar a alegria que experienciamos (Freud, 2010). Assim acredito que nesse instante que a notícia da morte se faz presente que tenhamos coragem de viver, coragem de nos doar, de atravessar nossos lutos e de celebrar aquilo que é bom e nos faz felizes. Nossa forma de fortalecimento, resistência e sobrevivência tem sido essa reunião enquanto grupo de sonhadores que se abre a escuta dos que nos falam.

De nossa parte, até o momento, precisamos lidar com a elaboração de lutos que se referem ao nosso começo de carreira profissional, nosso modo (e por que não dizer medo?) de nos relacionar com as pessoas, distantes fisicamente, mas próximos pelas janelas virtuais. Aceitando (e acreditando?) que estamos fazendo o melhor que podemos nestas circunstâncias que se apresentam, reunindo traços do que vivemos, do que sentimos, do que escutamos, de quem acolhemos para que possamos elaborar isso tudo. Escutei em algum lugar que a eternidade talvez seja a memória que deixamos nos outros. Penso que estamos construindo boas memórias juntos, porque na vida as alegrias e tristezas só tem sentido se compartilhadas. Desejo a mim e a quem nos lê que continuemos desejando.

*Por Renata Santos Cravo
02 de setembro de 2020, Cassino, Rio Grande, Brasil.*

*“Quem és? Perguntei ao desejo.
Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.”
Hilda Hilst, 1992, p. 15*

Escrevo estas linhas para – de alguma maneira – tentar contar sobre esse espaço e esse tempo que nos atravessa em 2020. Partindo de onde posso contar essa história, sou uma jovem mulher e psicóloga, vivendo no sul do sul de um país caótico sobrevivendo à ideais fascistas no meio de uma pandemia. Em síntese é isso.

Durante os últimos cinco anos, idealizei de todas as formas, cores, gêneros e tamanhos o grande ritual que havia de me autorizar outro lugar social, político e tão sonhado: o de me tornar psicóloga. Hoje, depois de alguns meses, posso dizer que venho descobrindo cada vez mais que essa formação é constante, sempre há algo a se aprender consigo ou com o outro enquanto estivermos tomados por esse desejo. Assim como na representação da *Banda de Moebius*, o saber não tem início nem fim, não está aqui ou ali, nem dentro e nem fora, não está inscrito na dicotomia. Percebo que seria uma grande fantasia de minha parte tomar o diploma como algum lugar estável do saber. E recordando do bordão “*Isso não ensinaram na universidade...*” é que me coloco aqui. Uma psicóloga recém-formada e em casa há - pelo menos - 6 meses. O momento em que paro para escrever essa carta.

Felizmente, no último ano de minha formação tive a oportunidade de descobrir algo que me transformou de diversas maneiras. O Coletivo *Escuta na Rua*. A possibilidade de enxergar além das paredes e estar ali, num lugar tão imprevisível e real. Eu escutei pessoas que tiveram a coragem de sentar-se em um banco da praça pra me falar de suas dores e de suas histórias. O

tempo, o espaço, a escuta. Tudo era diferente do *setting* com as poltronas. Para mim houve uma ruptura criada, uma espada para fora da caverna, como nos contaria Platão (2000) no início de seu livro VII da *República*. E entre tantas dúvidas, uma única certeza que tinha para esse ano era continuar nessa desconstrução dos lugares que estamos acomodados a escutar. Aqui, uma pausa nessa história, pois dois mil e vinte não nos deixou voltar às ruas. Hoje a saudade toma conta e, da janela de casa, o olhar não alcança o que a rua nos mostrava.

Um suspiro e volto a escrever, a você que está me lendo ou vai me ler em algum momento, agora ou depois. Tanto faz. As primeiras linhas precisavam elaborar ainda a paralisia de tantas mudanças nesses últimos tempos. Difícil construir a narrativa enquanto ainda se vive ela. Mas me parece uma forma de furar um espaço por onde seja possível falar sobre. Colocar em palavras a pandemia do novo coronavírus e o que ela tem representado em nossas vidas totalmente vulneráveis a algo que sequer podemos ver. Matando milhares de pessoas em todos os cantos do mundo, sendo 126 mil pessoas - hoje - no Brasil. E para além disso, acabamos por enxergar (ou negar ainda mais), uma estrutura política que mata mais do que o vírus. Se hoje podemos nos dizer sobreviventes, há quem esteja sobrevivendo desde muito antes. E isso é sobre de qual janela estamos debruçados observando essa crise. Da janela de casa, do trabalho, do hospital, da rua. O isolamento nos mostrou que tem classe, tem cor e tem gênero.

Nós fomos orientados sobre o que deveria ser feito para reduzir a contaminação do vírus, desde o início. Todavia, hoje além de enfrentar o vírus temos de enfrentar uma guerra de informações falsas - as famosas *fake news* - que se espalham rapidamente, legitimadas no discurso de um representante político que prioriza a economia do país frente às nossas vidas. Será que sabemos o potencial da revolução tecnológica? Partindo da atemporalidade que traz a história de *V for Vendetta*, a ideia de uma sociedade comandada por ditadores fascistas que conseguem controlar o seu povo através do medo diante de uma epidemia, retrata muito bem o momento que estamos vivenciando aqui no Brasil. E nós também estamos usando máscaras que, para além de nossa proteção, têm representado o nosso posicionamento frente ao atual governo da necropolítica instalado aqui.

Essa carta é uma tentativa de passagem ao simbólico, da construção do pensamento de algo que ainda se mantém emaranhado quando se pensa demais. Uma crise abre um espaço que nos transforma em nível subjetivo e coletivo. Temos de nos haver com todos recursos psíquicos que dispomos, do mais elaborado até o mais primitivo. Aceitar a impotência e os nossos limites

diante do que está acontecendo e arcar com as consequências de um sistema social estruturado na desigualdade.

Como sustentar nossa escuta em tempos de pandemia? Como escutar a morte que se faz tão presente nesses dias? Os vários lutos que estamos vivenciando? Como deslocar nossa escuta para um outro dispositivo, o online? Como isso marcará nossa maneira de existir no mundo? Uma mudança radical das nossas noções de tempo e espaço. A tecnologia assumiu seu poder de ser possível quase tudo através dela. Dessas telas que projetam nossas imagens. E agora nossas relações. E seguem mais e mais questões.

Aos colegas que me leem, agradeço imensamente a oportunidade de dividir as ansiedades e angústias desse momento. De tudo que tentamos, o exercício de escrever essa carta me pareceu uma boa história para lembrarmos mais adiante, quando pudermos aproximar nossos corpos novamente. Sigamos encontrando brechas por onde seja possível sustentar nossos desejos, mesmo quando parecer difícil.

Até breve!

Por Maile Ferreira

Rio Grande, 04 de setembro de 2020.

“Eu não sei como lhe contar isso... essa história... porque eu estou dizendo isso ex post. A flecha, por exemplo... A flecha, por exemplo... A flecha, naquela hora, no jantar, não era mais importante do que o xadrez de Leon, ou o jornal, ou chá, tudo - igualmente importante, tudo - estava contribuindo com um determinado momento, uma espécie de consonância, o zumbido de um enxame.”

(Cosmos - Witold Gombrowicz, p.25)

Caro sobrevivente,

Esta é a terceira vez que lhe escrevo. As outras duas cartas não chegaram a ser endereçadas, pelo menos não a outras pessoas além de mim mesma. Endereçar significa dar a escrita por encerrada, porém a inconstância faz com que releia as frases escritas anteriormente e não me veja mais como a pessoa que as escreveu. Sinto não haver organização suficiente no caos para a constância que uma narrativa cronológica demanda. E, não se engane, estamos vivendo um caos ou, utilizando um termo cerne para as publicações desta revista, estamos vivendo um trauma.

É difícil admitir e, principalmente, me reconhecer em meio a um evento traumatizante. Principalmente quando ainda se está “no olho do furacão”. Tudo está girando muito rapidamente e não há uma placa luminosa indicando a saída. Como então escrever sobre o que vejo e sinto se no segundo seguinte o furacão já deu mais uma volta e nada está mais onde estava? Cada sensação se modifica no momento em que se transforma em caracteres.

Me desvencilhar da tarefa impossível de obter constância no caos parece ser a saída. Esta escrita é uma mera representação de minhas percepções limitadas acerca dos processos deste momento complexo e, como toda representação, não abarca a totalidade da vivência. Entenda(o) então, caro sobrevivente, que está escrita, em sua terceira versão, finalmente não possui mais a pretensão de ser estática. Como uma fotografia tirada em movimento haverá partes embaçadas, pois do lado de cá da lente também não há nitidez. E é sobre esses pontos turvos que venho lhe compartilhar.

Curiosamente, o que me ocorre relatar é o sentimento de um zunido constante, que escapa à consciência, mas produz, igualmente, um efeito desnorteador. A ameaça constante do vírus, o número de mortes e casos, os cuidados necessários e a incerteza de quando e se haverá um futuro *normal* também me escapa a consciência, mas se mantém como plano de fundo em tudo. Como diria Gombrowicz: “É preciso compreender os significados da expressão ‘a gota d’água’. Quando demais é demasiado. Existe uma dose de realidade, cujo excesso ultrapassa os limites do suportável” (2007, p.73). Por isso, vejo na anestesia dos sentidos uma tentativa de sobreviver. Mas como sobreviver anestesiada, alheia ao caos, aos perigos? Acredito que a resposta seja justamente de que não há como. Há vezes, então, em que a consciência me toma de forma abrupta e torna-se quase sufocante. Talvez sejam esses momentos de atravessamento que insiram pontos em movimento na paralisia da fotografia.

Me pergunto agora o que traz à tona esses momentos de consciência? A partir desta pergunta decidi buscar autores que pudessem auxiliar no processo de construção dessa narrativa. Me deparei, então, com Eugênio Canesin Dal Molin que, apoiado nas obras de Freud e Ferenczi, apresenta em suas análises a busca por elementos de reconhecimento, confirmação e respostas necessárias na elaboração do trauma e integração deste na narrativa pessoal. Suas observações clínicas e teóricas sobre o trauma encontraram um eco em mim. Suas palavras me fizeram tanto sentido que conseguiram simbolizar minhas sensações caóticas. Trazendo sentido a minha busca pelo outro para a construção desta carta. Afinal, como sabemos e Dal Molin tanto ressalta, nosso Eu é formado a partir do outro e a maioria de nossas experiências pedem

um tipo de resposta de reconhecimento quando as contamos aos outros ou quando precisamos dos outros para que tenhamos elementos para contar.

Percebo agora que essa busca pelo outro não ocorre apenas neste momento de escrita, mas ocorreu desde o início de vivência deste evento potencialmente traumatizador. Minha entrada no Coletivo Traços da Escuta, agora percebo, foi também um movimento de busca de um terceiro que pudesse me auxiliar com os elementos para sobreviver a este momento. Os momentos que construímos semanalmente entre os colegas e quinzenalmente com o Professor Michel oferecem um lugar seguro para a tomada de consciência do momento. Um lugar que oferece vazão ‘a gota d’água’ e desloca o insuportável para o minimamente suportável. Talvez o equilíbrio entre a anestesia do cotidiano e a consciência momentânea seja o único caminho onde seja possível sobreviver. Pelo menos neste instante.

*Rio Grande, 06 de setembro de 2020.
Por Roberta Rodrigues Silveira*

Carta endereçada aos sobreviventes, à um eu do futuro?

“Despojou-nos de muitas coisas que amávamos e revelou a fragilidade de tantas outras que acreditávamos sólidas...” (Sigmund Freud, 2010, p. 251)¹⁰

Olá! Está difícil escrever nestes tempos. Difícil escrever o artigo da monografia de conclusão de curso, difícil escrever para projetos futuros... estava difícil escrever esta carta. Uma amiga de infância acaba de perder um familiar - não por COVID-19, vírus que nos assola neste momento, mas passou por essa perda - e a situação me afeta. Eu digo para ela: “A vida é essa coisa inexplicável, às vezes faltam palavras. Mas espero que o tempo vá ajudando a lidar”. Essa fala reflete bastante o momento que estamos vivendo e é aí que decidi sentar-se para escrever: a escrita aparece como um possível, um contorno, uma brecha.

Rio Grande/Rio Grande do Sul/Brasil, 06/09/2020, 174 dias experienciando a pandemia. Não queria dizer, mas setembro é um momento em que estamos minimamente acostumados com a atual situação, se é que posso usar a palavra acostumados. Esse motivo torna mais difícil a escrita sobre aspectos pensados em meses anteriores, em que problematizei,

¹⁰ Freud, Sigmund. (2010). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916), Obras completas volume 12*. São Paulo: Companhia das Letras.

junto a colegas, diferentes questões sobre o vírus, o medo, o trauma, a saúde, a economia, o capitalismo, as classes sociais, questões raciais... Estes temas estavam em tópicos no caderno, mas não estavam em forma de história e isso requer um movimento, que me proponho a fazer.

Escolhemos registrar esse momento em forma de escrita, poderíamos ter escolhido não registrar. Por que escolhemos? A ideia de escrever sobre (n)a pandemia, de olhar para dentro e não só para fora - as alarmantes estatísticas, a política, a mídia, as ruas - inicialmente trouxe a sensação de vertigem. Porém, a narrativa sempre nos atravessa. E tem que atravessar! Isso é contar uma história, isso é endereçar uma carta, mesmo ainda sem saber o endereço e os destinatários, para os sobreviventes, talvez para mim. Alguém sabe onde estará? Onde você está agora, leitor(a)?

Esse é o primeiro ano pós formatura em Psicologia. Vamos nos deslocar historicamente: Início de março recebi uma ligação, era a mãe de uma adolescente que atendi no estágio de clínica, perguntando se eu iniciaria os atendimentos. Realizei meu primeiro atendimento, primeiro como psicóloga, embora eu já conhecesse a história da jovem e já tivéssemos uma convivência anterior. A mãe e a jovem vibraram com a minha conquista naquela sala, sala que me abraçou. Na semana seguinte as incertezas se aproximavam, os comentários sobre a pandemia e a possibilidade de isolamento começam a surgir na cidade. O atendimento presencial foi desmarcado. Fui acompanhando os percursos da pandemia: China, Itália, Espanha, Estados Unidos, Brasil. Chegou até nós, no sul do Brasil, em março de 2020, dois meses após a formatura.

Sempre penso sobre a obra de Freud, que foi produzida no período da Primeira Guerra Mundial, a psicanálise surgiu no contexto de guerra. E penso que estamos vivendo um momento muito semelhante, permeado por medo, morte, luto, melancolia. Há um vírus lembrando a todo momento sobre a transitoriedade da vida, trazendo à tona a todo momento a possibilidade da morte, tema iminente e latente. Isso remete a situações que envolvem o trauma, um momento de não simbolização, em que é difícil ocorrer um processo que nomeie o que, inicialmente, não tem nome. Até que a narrativa vem em forma de dança, a passos lentos, simbolizando e produzindo um sentido.

Nesse momento de início na clínica, primeiros passos e experiências, nos vimos com uma única opção: realizar atendimentos virtualmente. Ocorre essa transição para uma outra forma de estar junto. Qual a influência dessa nova forma de estar junto na clínica e nas nossas subjetividades? A reinvenção foi necessária, sem manuais prévios, rodeadas por um não saber

que assustou, mas também abrindo possibilidade para criação. Enquanto escrevo essa carta fico me perguntando como estarão as coisas nestes tempos futuros e os efeitos que essa experiência vai trazer no mundo.

Penso que, nós, aqui neste tempo, aqui desta escrita, que achávamos que a distância geográfica e o virtual poderiam ser barreiras para processos terapêuticos, temos que admitir que essa experiência nos mostrou que dentro do caos há espaço para reinvenção, para possíveis outros. Nesse momento, o virtual permite que estejamos presentes e nos sentindo próximos, mesmo entre o Brasil e o Canadá, tramando e traçando um pouco de possível. “Um pouco de possível, senão eu sufoco” como diz Deleuze (2013, p. 131) ao se remeter a obra de Foucault, que vinha estudando as relações de poder, seus efeitos na subjetividade e que, depois de uns anos, percebe que onde há poder, há resistência e práticas de si. Ou, retornando a Freud que, em meio a guerra, pensou sobre uma escuta ética do sofrimento psíquico, abrindo brechas. Nesta situação que estamos vivendo, que nos diz da falta de controle e da transitoriedade da vida, que sigamos pensando a nossa escuta, que sigamos pensando sobre invenção de novos mundos. E você que está lendo, gostaria de contar sobre como está o mundo neste momento?

Gabriel de Vargas Pereira
Rio Grande, 23 de agosto de 2020

Uma carta sempre encontra seu destino. Uma vez escrita, se destina ao futuro. Necessariamente, o traço simbolizado em uma superfície não é nada se não um viajante do tempo, um senhor antigo que fala pelas linhas implacáveis daquilo que não se pode escapar. Um registro do que foi para o que virá, ou para o que se repete. Como uma cicatriz na pele de um senhor que têm algo a dizer.

O destinatário dela é a fantasia. A carta fala sempre sobre uma ficção. O encontro entre uma carta e seu destinatário acontece no plano do inconcebível. Mas, sem destinatário não há carta possível que se julgue completa.

Esta carta se destina à poucos: para aqueles que ganharam uma sobrevida depois do que acontecia nos tempos em que foi escrita. Como sobreviver em meio ao caos do real que toca à porta? Talvez, o leitor que se encontra no futuro já saiba significar um pouco melhor sobre esse indizível que nos tocou em um período tão curto, mas de forma intensa. Aos poucos, todos foram esquecendo a gravidade do que acontecera e da forma como lidamos com o dilema entre vida e economia. Afinal, o que baseiam nossas relações contemporâneas? Têm vezes que nem mesmo a radicalidade pode ser uma intervenção transformadora, se não há quem possa ouvi-la

com ouvidos atentos. O trauma em remete à ferida : "Chamamos traumas a essas impressões de precoce vivência, logo esquecidas, às quais atribuímos tão grande significação para a etiologia das neuroses". (FREUD, 2014) O trauma está na origem das vivências. Cada acontecimento da vida deixa sua marca, seu registro. Registro que servirá de referência para as escolhas, para as decisões, para significação de uma existência. Pois bem, tratamos de feridas a todo momento.

Marcas sempre precisará haver. Não há vida possível sem que nela sejam registradas no domínio da psique seu repertório de acontecimentos. Na física há um paradigma dominante que sugere que o tecido do espaço-tempo é curvado pela junção de massa em um determinado local. Onde uma quantidade de massa se agrupa, ali aconteceu uma curvatura. Mas é possível também pensar o contrário disso, por que não? Poderíamos pensar que é por haver uma curvatura no espaço-tempo que a matéria irá necessariamente se acumular por ali. Não há como saber ao certo qual paradigma é o que melhor descreve o real, pois é ele próprio o criador da realidade. Em uma ciência em que a utilidade do domínio dos fenômenos da natureza é o mais premiado, o verdadeiro, não podemos produzir muito além do que outras formas de manejar o mundo natural a nossa volta. Sempre encontramos que procuramos, não é mesmo?

Mas não confunda as coisas, amigo leitor. No tempo em que vivemos não poderíamos ter a audácia de criticar a ciência. Ela já sofre muitos ataques de pessoas que não querem pensar em construção de conhecimento, apenas fazer triunfar suas fantasias mais sombrias. São tempos difíceis no Brasil. Por vezes, o real nos mostra aquilo que esquecemos para viver. Nossa existência é muito mais frágil do que supomos pensar no auge da nossa "civildade". Nossa razão de ser é rebanho, antes de tudo. Voltamos ao século XIX e o saber científico precisa de aliados para defendê-lo.

Tudo isso para falar do trauma. Poderíamos nós pensar que o trauma não é um evento que irrompe com uma realidade pacífica, linear, mas um lugar, um espaço curvado assim como nossa analogia ao paradigma físico? Poderíamos supor que sempre haverá espaço para o trauma, porque não se trata de um grande acontecimento do campo do ultraje. Trata-se de acontecimentos que nos tocam profundamente, pois retiram parte de nossa inocência em relação ao fato de estar vivos, de existir, de estar em relação com um mundo que em nenhum momento para seu rigoroso funcionamento para dar importância ao nosso narcisismo enfatuatedo.

Pois bem, falamos das marcas, não é mesmo? Falamos o tempo inteiro sobre traumas.

Referências

- Dal Molin, Eugênio (2016). *O terceiro tempo do trauma: Freud, Ferenczi e o desenho de um conceito*. São Paulo: Perspectiva.
- Deleuze, Gilles. (2013). *Conversações*. São Paulo: Editora 34.
- Derrida, Jacques (2003). *Chaque fois unique, la fin du monde*. Paris, Galilée.
- Derrida, Jacques (1979). « Living On », in Harold Bloom *et alii*, *Deconstruction and Criticism*, New York, Seabury Press, 1979, p. 75.
- Freud, Sigmund. (2018). *Neurose, psicose, perversão (1856-1939), Obras incompletas, volume 5*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud., S. (2014). *O Homem Moisés e a religião monoteísta*. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM editores.
- Freud, Sigmund. (2010). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916), Obras completas, volume 12*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund (1988). “Considerações atuais sobre a guerra e morte”. (*Euvres complètes*, vol. XIII, 1914-1915, Paris, PUF.
- Freud, Sigmund (1988). *Passagère*. (*Euvres complètes*, vol. XIII, 1914-1915, Paris, PUF.
- Gombrowicz, Witold. (2007) *Cosmos*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras.
- HILST, Hilda (2004). *Do Desejo*. São Paulo, Globo.
- IBN KHALDÛN (2002). *Le Livre des Exemples I*. Paris, Gallimard.
- LACAN, Jacques (2004). *L’angoisse*. Le Séminaire, livre X. Paris, Seuil, 2004.
- LISPECTOR, Clarice (1998). *Água Viva*. Rio de Janeiro, Rocco.
- LISPECTOR, Clarice (1974). *Onde estivestes de noite?* Paris, éditions des femmes.